

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

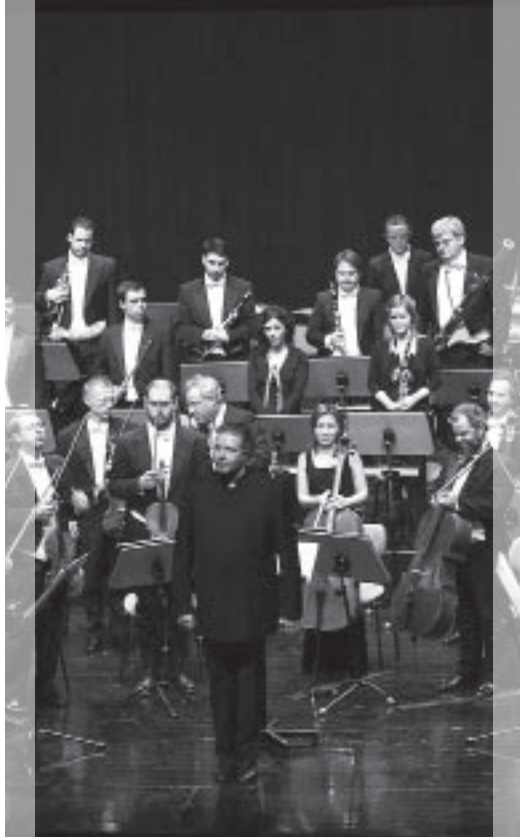
CCB

_CICLO THOMAS BERNHARD

UM CONCERTO PARA THOMAS BERNHARD

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Luís Lucas . NARRADOR | Kurt Azesberger . TENOR
Michael Zilm . CONCEPÇÃO E DIRECÇÃO



PROGRAMA

1 DEZEMBRO 2007
21H00 / **M/ 12 ANOS**
PEQUENO AUDITÓRIO

DURAÇÃO APROXIMADA 60 MINUTOS S/ INTERVALO
CO-APRESENTAÇÃO CCB / ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

. **WOLFGANG AMADEUS MOZART** (1756-1791)
A Flauta Mágica, K. 620 – ABERTURA

. **FELIX MENDELSSOHN BARTHOLDY** (1805-1847)
Die wandernden Komödianten (1822) (“*Os Comediantes Ambulantes*”)
– ABERTURA DO SINGSPIEL [1.ª AUDIÇÃO MODERNA]

. **FRIEDRICH CERHA** (N. 1926) *
Bevor es zu spaet ist (“*Antes que seja tarde*”)
SOBRE UM TEXTO DE *Holzfällen* (“*Derrubar Árvores*”)
DE THOMAS BERNHARD PARA TENOR E ORQUESTRA (1988-1997)
[1.ª AUDIÇÃO EM PORTUGAL]

. **ANTÓNIO PINHO VARGAS** (N. 1951) *
Um discurso de Thomas Bernhard PARA NARRADOR E ORQUESTRA (2007)
[ESTREIA ABSOLUTA – ENCOMENDA OML]

. **WOLFGANG AMADEUS MOZART** (1756-1791)
SINFONIA N.º 35 EM RÉ MAIOR, K. 385, *Haffner*
I. *Allegro con spirito*
II. *Andante*
III. *Menuetto*
IV. *Presto*

* com textos de ligação das seguintes obras: *Einfach Kompliziert* [“*Simplesmente Complicado*”];
Der Ignorant und der Wahnsinnige [“*O Ignorante e o Louco*”];
Der Atem [“*A Respiração*”]; *Der Keller* [“*A Cave*”]; *Beton* [“*Betão*”];
Über Allen Gipfeln Ist Ruh [“*Há Calma em todos os Cumes*”];
Holzfällen [“*Derrubar Árvores*”]; *Wittgensteins Neffe* [“*O Sobrinho de Wittgenstein*”].

NOTAS AO PROGRAMA

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-1791] – ABERTURA DA ÓPERA *A FLAUTA MÁGICA*, K. 620 [1791]

A Abertura de *A Flauta Mágica* tem um significado muito singular no contexto do legado mozartiano. Com efeito, trata-se da última partitura que o compositor austríaco escreveu para uma formação exclusivamente orquestral, sem vozes ou parte solista. A quase totalidade da obra foi composta até ao Verão de 1791. Depois Mozart dedicou-se a *La Clemenza di Tito*, a ópera destinada à proclamação do imperador Leopoldo II. Só mais tarde viria a escrever estes cerca de sete minutos de música que dão início à ópera, cuja popularidade se deve, sobretudo, ao dueto entre o Papageno e Papagena e à espectacular ária da Rainha da Noite. Para além disso, *A Flauta Mágica* permanece ainda hoje como um dos mais emblemáticos símbolos dos ideais

iluministas setecentistas, assente num enredo em que o conceito de igualdade é aplicado à condição humana por intermédio das difíceis provações a que o príncipe Tamino se tem de sujeitar para resgatar e obter a mão da sua amada. Curiosamente, e ao contrário do que acontece em tantos outros casos, esta Abertura não ilustra momentos ou personagens da ópera; não introduz o espectador no ambiente dramático que prevalece ao longo da mesma. Alterna acordes majestosos – porventura conotados com o simbolismo maçónico – com partes fugadas, apontando sempre para um final triunfante que dá início ao enredo. É por muitos considerada a sua melhor ópera.

 Rui Miguel Leitão

FELIX MENDELSSOHN [1809-1847] – ABERTURA DO *SINGSPIEL DIE WANDERNDEN KOMÖDIANTEN* [“OS COMEDIANTES AMBULANTES”] . [1822] [1.ª AUDIÇÃO MODERNA]

Felix Mendelssohn nasceu em 1809 e dez anos passados já assinava as suas primeiras composições. Nos primeiros tempos escreveu pequenas obras, mas em 1822 já assinava cinco sinfonias para orquestra de cordas, duas óperas formato do *vaudeville*, pois o autor dos libretos era o físico Johann Ludwig Casper, que tinha estado em França e frequentado alguns teatros parisienses. A partitura terá sido interpretada uma vez só, em sessão privada ocorrida em casa da família Mendelssohn, que se havia instalado em Berlim com os seus negócios desde 1815.

Numa carta da mãe de Mendelssohn, datada de 27 de Fevereiro de 1821 e dirigida a uma prima residente em Viena, ficamos com uma ideia do contexto em que estas representações tiveram lugar. Fala de uma outra obra dramática, *Os dois professores*. Porém, aquela que parece ter sido a única ocasião em que *Os Comediantes Ambulantes* alguma vez foram escutados, deverá ter-se passado num modo similar.

“O Dr. Casper, que estava em Paris naquele Verão, trabalhava no libreto de uma opereta, e o Felix começou a colocá-lo em música no final de Setembro. Seu pai impôs a condição de que ninguém escutasse o que quer que fosse antes de estar acabada, e de facto, exceptuando a Fanny [irmã de Mendelssohn], ninguém viu nada até

em um acto e um excerto de uma terceira intitulada *Os Comediantes Ambulantes*, cuja Abertura nos é hoje dada a ouvir em 1.ª audição moderna. No seu todo, tratar-se-ia de um *Singspiel*, algo próximo do ao início dos ensaios. No aniversário de seu pai, a 11 de Dezembro, a família cantou-o em privado, com acompanhamento ao piano... Ele expressou então a sua firme vontade de que o libretista ouvisse alguns excertos com acompanhamento instrumental, e sem dúvida que pretendeu que nós satisfizéssemos o seu desejo. Escolhemos o dia 3 de Fevereiro, o seu dia de aniversário, quando fazia doze anos. As preparações, os ensaios, etc., deram-nos um enorme trabalho. Montámos um cenário encantador no salão; o centro da sala era ocupado pela orquestra, escolhida entre os melhores músicos da Capela Real, com o Felix sentado ao piano no meio deles. O fundo da sala estava ligeiramente levantado e repleto de espectadores. No *Singspiel* a Fanny fazia o papel de criada, o Stümer a parte de tenor, e o Dr. Casper... e um grande amigo nosso a parte de baixo.”*

* Citado a partir Mahling, Christoph-Hellmut, «Berlin: “Music in the Air”, in Ringer, Alexander, *The Early Romantic Era, Between Revolutions: 1978 and 1848*, Londres, Man Music, 1990.

 Rui Miguel Leitão

BEVOR ES ZU SPÄT IST [1988-1997]

– TEXTO: THOMAS BERNHARD

A propósito de *bevor es zu spät ist...* (“antes que seja tarde...”): A consternação que me assaltou ao ler as últimas páginas do romance *Holzfällen* (“Derrubar Árvores”) de Thomas Bernhard jamais se apagará da minha memória. Recordavam-me vivamente as noites em que – tal como o narrador na primeira pessoa do romance – percorria a minha cidade, que odiava, embora consciente de a ela estar acorrentado por mil algemas e não conseguir viver em nenhuma outra, por muito tempo. E através da leitura sempre repetida dessas páginas estas transformaram-se, para mim, numa música nervosa, apressada, inquieta – numa música dum avanço impetuoso sem sentido, dum estado de ser impelido, acossado. Comecei imediatamente a compor. Como é evidente, sabia que era necessário salvaguardar os direitos de autor. Telefonei a Thomas Bernhard, que conhecia bem, desde os anos cinquenta, e combinámos um encontro para discutir o assunto. Sentia-me confiante, visto recordar-me da sua compreensão em relação ao meu *Requiem für Hollensteiner* sobre excertos do seu romance *Gehen* (“Andar”). A sua morte gorou o nosso encontro, tendo-

me chocado tão profundamente que pus a peça de parte. Após uma troca de correspondência entre as editoras acerca dos direitos, e de uma resposta em princípio positiva sobre a composição, continuei a trabalhar na peça em 1990. No entanto, só completei a composição e o trabalho de edição entre 1997-1999, sob encomenda da Gesellschaft der Musikfreunde Wien (Sociedade dos Amigos da Música de Viena). Tal como o texto, a peça é tripartida. O primeiro trecho (*und ich lief durch die Gassen*) (“e corri pelas ruelas”) traduz o carácter agitado e apressado acima descrito, mantendo-se essencialmente em piano. Termina com um crescendo (*und dass diese Menschen meine Menschen sind*) (“e que estas pessoas são as minhas pessoas”). Após um interlúdio orquestral seguem-se as reflexões da segunda parte, de expressão mais tranquila (*Wir wollen etwas Zureichendes sagen*) (“Queremos dizer o suficiente”). O final (*und ich lief durch die Gassen*) retoma o carácter inicial e termina no acossamento que corresponde à essência do texto.



Friedrich Cerha

Tradução: Christiane Schickert

. SOBRE “UM DISCURSO DE THOMAS BERNHARD” PARA NARRADOR E ORQUESTRA

Sobre esta peça posso referir dois aspectos principais. O texto extraordinário do discurso de Thomas Bernhard, sendo narrado, lido, está presente na música como parte dela. Não está por cima, nem por baixo, está dentro da música. No entanto, preserva a sua existência como “texto”.

A música, que existe em simultâneo, que prossegue em determinados momentos para além do texto, existe igualmente como um outro “texto” produtor de significações. A sobreposição desses dois planos é a peça. Tendo escolhido o texto, o meu trabalho musical começou com a definição progressiva de três tipos de materiais, com o esboço de várias possibilidades de desenvolvimento, de contraste ou de corte. Procuo fazer este tipo de trabalho sem utilizar nenhum sistema preexistente, nenhuma regra, senão as que derivam daquela racionalidade específica que se vai formando ao longo do trabalho, que vai emergindo nele próprio. Esta dobra sobre si mesmo é o método que define e assegura a liberdade do acto composicional, que favorece a abertura na qual o texto surge, que permite os espaços nos quais o dizer do texto é fragmentado – não o texto mas o dizer dele – e, finalmente, a junção dos dois planos entretanto tornados indissociáveis.


A peça é uma encomenda da Orquestra Metropolitana de Lisboa para o Ciclo Thomas Bernhard organizado pelo Centro Cultural de Belém.



. António Pinho Vargas, Novembro de 2007

Wolfgang Amadeus MOZART – Sinfonia n.º 35 em Ré Maior, K. 385, Haffner [1782]

Das sinfonias de Mozart devemos sempre esperar um discurso fluente e perfeitamente planeado. É assim a sinfonia *Haffner*. Datada de 1782, pouco tempo depois de o músico se instalar em Viena, foi, em verdade, concebida a partir de uma serenata que havia sido composta para o casamento da filha de Sigmund Haffner – uma das personalidades mais influentes da cidade de Salzburgo. Tratava-se, desta vez, da cerimónia de nobilitação do próprio Haffner e, por isso, mereceu mais cuidados por parte de Mozart. Naquele período de apogeu da dinastia dos Habsburgo, o compositor esforçava-se por se afirmar na capital austríaca. Ocupava-se da ópera *O Rapto do Serralho*, mas também do seu próprio casamento. Ainda assim, correspondeu à solicitação que lhe foi feita de forma bem sucedida. Alguns meses mais tarde recuperou o manuscrito e deu-lhe a forma definitiva, com os precisos quatro andamentos que nos são hoje dados a ouvir.

A obra caracteriza-se por uma aparente simplicidade. Todavia, por ela trespassam ambiências tão diversas como a magnificência e jovialidade do primeiro andamento; a bucólica beleza do *Andante*; os ritmos de dança tão característicos da música tradicional austríaca, que se escutam no Minuete; e, por último, o próprio tema principal de *O Rapto do Serralho*, aqui interpretado a uma velocidade vertiginosa. Uma verdadeira demonstração de perícia, no que respeita à manipulação dos “materiais musicais”.  Rui Miguel Leitão



LUÍS LUCAS .narrador

Nasceu em Lisboa em 1952. Frequentou o Curso Superior de Formação de Actores, 1970-1972. Foi membro fundador do grupo Comuna - Teatro de Pesquisa, com o qual participou em vários festivais internacionais de Teatro.

Trabalhou nos Cómicos, Teatro da Cornucópia, Produções Teatrais Lda., Teatro da Graça e Projecto Intercidades.

No teatro foi dirigido por João Mota, Osório Mateus, Jorge Silva Melo, Luís Miguel Cintra, Stephan Stroux, Carlos Fernando, Artur Ramos, Christine Laurent, António Feio, Alberto Lopes, São José Lapa, Rafaela Santos, Ana Támen e Carlos Alardo, interpretando textos de vários autores.

No cinema trabalhou com João Botelho, Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo, José Álvaro de Moraes, Eduardo Geadá, Peter Lilienthal,

Valeria Sarmiento, Daniel del Negro, Margarida Gil, Manoel de Oliveira, Luís Filipe Rocha e Joaquim Leitão.

Em 1973 trabalhou com Ariane Mnouchkine no Théâtre du Soleil e em 1982/83, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, foi assistente de encenação de Patrice Chéreau (Peer Gynt, Ibsen) e de Jean Jourdeuil (Le Rocher, la Lande, la Librairie, Montaigne).

Em 1991 participou com a Cornucópia na "Europália", em Bruxelas e em diversos trabalhos para a televisão, dobragens de desenhos animados, O Delfim, de José Cardoso Pires, gravado em cassette, quatro CD com poesia de Mário de Sá-Carneiro, David Mourão Ferreira, Guerra Junqueiro e Pedro Tamen.

Em 2004 participa como narrador na ópera A Floresta, com música de Eurico Carrapatoso e libreto de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, a partir do conto homónimo de Sophia de Mello Breyner.



KURT AZESBERGER .tenor

Kurt Azeberger iniciou os seus estudos musicais como solista no coro de rapazes da escola do Mosteiro de St. Florian, na Áustria. Prosseguiu a sua formação no Conservatório Bruckner, em Linz, e na Universidade de Música e Artes Performativas, de Viena, com os professores Hilde Rössel-Majdan, Kurt Equiluz e Peter Schreier. Em 1991 foi-lhe atribuído pelo Ministério da Educação e Artes o Prémio de Interpretação de Mozart para jovens artistas austríacos.

A sua carreira internacional levou-o às mais prestigiadas salas de concerto, onde se tornou famoso pela sua interpretação de Evangelist na Paixão de Bach, que apresentou no Festival de Salzburgo, no Festival de Páscoa de Viena, no Concertgebouw de Amsterdão, em Copenhaga, no Royal Festival Hall em Londres, em Praga, na Konzerthaus e Musikverein de Viena, em Telavive, Berlim, Milão, Lucerna, Paris, etc., sob a direcção de maestros como Frühbeck de Burgos, Welsler-Möst, Chailly, Gielen e Harnoncourt.

Cantou Klaus Narr da obra Gurreliedern de Schoenberg, sob a direcção de Claudio Abbado e Vladimir Fedosejev; Mönch do Jakob-

sleiter de Schoenberg, com Michael Gielen e Kent Nagano; e a parte de tenor da Nona Sinfonia de Beethoven, dirigido por Myung Whun Chung e Semyon Bychkov.

Tem-se apresentado igualmente em concertos de música do século XX (Winterreise, de Zender, Serenata para tenor, trompa e orquestra de cordas de Britten, Propheten de Weill da obra Der Weg der Verheißung) e em recitais.

No campo operático, os principais papéis desempenhados por Kurt Azeberger incluem: Tito em La Clemenza di Tito (Vienna Volksoper); Aegisth em Elektra (em Brucknerhaus, Linz, sob a direcção de F. Welsler-Möst, e em Berlin State Opera com D. Barenboim). Interpretou ainda os papéis de Hoher Priester em Idomeneo de Mozart, nos Festivais de Baden-Baden e Salzburgo; de Froh no Rheingold de Wagner na Catania; de Walther von der Vogelweide em Tannhäuser na Academia de Santa Cecília, em Roma; e Narr no Wozzeck de Alban Berg, sob a direcção de Claudio Abbado no Festival de Páscoa de Salzburgo.

Entre os mais recentes êxitos contam-se as apresentações de Jakobsleiter de Schoenberg com Kent Nagano no Festival de Salzburgo

e na Trienal de Ruhr (com gravação de um CD); A Paixão Segundo S. Mateus com Kurt Masur e a London Philharmonics, versões de concerto da ópera de Mozart O Rapto do Serralho, apresentada em Colónia sob a direcção de David Stern; Jahreszeiten de Haydn com Franz Welsler-Möst; Hauptmann na obra Wozzeck de Berg, apresentada na Academia de Santa Cecília em Roma; e Winterreise de Zender ou Klaus Narr na obra Gurrelieder, sob a direcção de Mariss Jansons, em Viena.

Na temporada em curso destacam-se as suas apresentações no Festival Haydn, no Festival Bruckner em Linz, no papel de Froh na ópera em versão de concerto Das Rheingold, em Berlim e Dortmund com a Paixão Segundo S. Mateus sob a direcção de Kent Nagano, e numa

nova produção de A Flauta Mágica, com Claudio Abbado, que se apresenta em Ferrara, Reggio Emilia, Modena e Baden-Baden – uma produção que será igualmente lançada em DVD.

Kurt Azeberger tem parte do seu trabalho registado em gravações para a rádio e em CD: Das buch mit sieben siegeln de Schmidt gravado no Musikverein de Viena sob a direcção de Horst Sein; a Cantata Profana de Bach (Harmonia Mundi); e Krösus de Keiser, ambos dirigidos por René Jacobs; Lazarus de Schubert com Helmuth Rilling (Hänssler Classic); Jakobsleiter de Schoenberg, com Elisha Inbal (Denon); O Apocalipse Segundo S. João, de Francaix (Wergo Mainz); Missa Breve de Mozart dirigida por Nikolaus Harnoncourt (Teldec); e a Missa da Coroação, com Leopold Hager (Denon).



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Tutelada pela Associação Música Educação e Cultura, a Orquestra Metropolitana de Lisboa estreou-se no dia 10 de Junho de 1992, tendo como solista a pianista Maria João Pires. Desde então, assegura uma intensa actividade que inclui os recitais de música de câmara e o grande reportório sinfónico – integrando os jovens músicos da Orquestra Académica Metropolitana. A participação em iniciativas artísticas diversificadas, do jazz ao fado, da ópera à nova música contemporânea, tem-lhe permitido contribuir para a criação de novos públicos e consolidar o carácter inovador do seu projecto, onde junta à dimensão artística a prática pedagógica das suas escolas – a Academia Nacional Superior de Orquestra e o Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa.

Um ano após a sua criação e sob a direcção do maestro Miguel Graça Moura, a OML apresentou-se em Estrasburgo e Bruxelas a convite da Comissão e do Parlamento europeus, seguindo-se, em 1997, uma digressão por Itália, Índia, Coreia do Sul, Macau e Tailândia e, em 1999, uma outra pelo Japão. Em Setembro de 2001 regressou à Tailândia como convidada do III Festival Internacional de Música e Dança de Bangucoque.

A OML conta com a Direcção Artística do maestro Álvaro Cassuto desde a temporada 2004-2005, e cabe-lhe a responsabilidade de assegurar uma programação regular em várias autarquias da região

centro e sul, para além de, em colaboração com o INATEL, promover uma efectiva descentralização cultural do norte ao sul do país.

Ao longo dos anos, tem sido dirigida pelos mais importantes nomes da direcção orquestral portuguesa e por inúmeros maestros estrangeiros de elevada reputação, onde se incluem Jean-Sébastien Béreau, José Collado, Olivier Cuendet, David Gimenez, Nicholas Kraemer, Lucas Pfaff, Brian Schembri, Marc Tardue, Victor Yampolsky e Michael Zilm. Entre os inúmeros solistas que têm colaborado com a OML destacam-se Liliana Bizineche, Pedro Burmester, Monserrat Caballé, José Carreras, Ana Bela Chaves, José Cura, Augustin Dumay, Irene Lima, Paulo Gaio Lima, Maria João Pires, Artur Pizarro, Tatiana Nikolaieva, Boris Martinovitch, Elisabete Matos, Anne Queffélec, Gerardo Ribeiro, Luís Rodrigues, António Rosado, Arve Tellefsen, entre tantos outros. Nos últimos meses juntaram-se-lhes os nomes de Leon Fleisher, Natalia Gutman, Raphaël Oleg, Oleg Marshev e Pascal Rogé e, novamente em 2007, Maria João Pires. A OML já gravou nove CD para diferentes editoras, incluindo a EMI Classics e a RCA Classics. Em 1996 foi-lhe atribuído um Disco de Platina pela venda de mais de 24 mil exemplares do seu segundo disco. A última gravação regista três sinfonias de Carl Dittersdorf e foi recentemente editada pela NAXOS.

A direcção da AMEC é presidida por Gabriela Canavilhas e tem como vogais Isabel Bandeira e João Villa-Lobos.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA



MICHAEL ZILM - direcção

Ensemble Modern. Apresentou-se, entre outros, nos festivais de Metz, Frankfurt, Siena, Leipzig e Varsóvia.

Michael Zilm já foi galardoado em vários concursos internacionais: 4.º Prémio no Concurso Malko, em Copenhaga; 2.º Prémio no Concurso César Cui, em Florença; 1.º Prémio no Concurso Vuillemoz, em Besançon (1983); e 1.º Prémio no Concurso Fiterlberg, em Kátovice (1987).

Desde a temporada de 1991-1992, desempenha as funções de director geral de Música e Teatro e de Maestro Titular da Norddeutsche Philharmonie, na cidade de Rostock. No exercício destas funções é responsável pela programação dos concertos e espectáculos de ópera, tendo realizado um ciclo com a obra integral de Gustav Mahler. Sob a sua orientação a Norddeutsche Philharmonie apresenta um ciclo anual de concertos dedicado a cada um dos compositores clássicos do século XX, incluindo Béla Bartók, Alban Berg, Leos Janáček e Arnold Schoenberg. A concepção destes programas valeu a Michael Zilm o prémio para a melhor programação de concertos na Alemanha. Desde 1989 tem mantido uma colaboração estreita com a Orquestra Gulbenkian, que dirige várias vezes por ano, apresentando principalmente algumas das mais importantes obras do repertório sinfónico germânico. Foi maestro Convidado Principal da Orquestra Gulbenkian de 1994 a 2001. Desde a temporada 2005-2006 mantém uma colaboração regular com a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Michael Zilm nasceu em Estugarda, em 1957. Descendente de uma família de músicos, começou a estudar violino aos seis anos de idade. Mais tarde frequentou as classes de violino e de viola da Escola Superior de Música da sua cidade natal. Em 1979 entrou para a classe de direcção de orquestra de Thomas Ungar. Estudou com Milan Horvat na Academia de Verão do Mozarteum de Salzburgo e com Franco Ferrara, Bruno Bartoletti e Carlo Maria Giulini na Academia Chigiana de Siena. A partir de 1979 manteve um contacto estreito com o maestro Herbert von Karajan. Trabalhou como assistente musical deste maestro nas produções de Aida, Parsifal e Falstaff, realizadas nos festivais de Verão e da Páscoa de Salzburgo, e posteriormente gravadas em disco em Berlim e Viena.

Estreou-se como maestro em 1979, em Estugarda, na realização de um programa integralmente preenchido com obras de Webern. Dedicando-se sobretudo ao repertório do século XX, dirige desde 1986 o agrupamento Nova Música. Nesse mesmo ano, assumiu funções docentes na Escola Superior de Música de Estugarda. Como maestro trabalhou já com algumas das principais orquestras europeias, nomeadamente na realização de programas de concerto pouco frequentes: Orquestra Sinfónica de Berlim, Orquestra da RAI (Turim), Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da Rádio de Colónia, Orquestra da Radiodifusão de Saarlande e o agrupamento

Director Artístico

Álvaro Cassuto

1.ºs Violinos

Christian Scholl (Concertino)

Adrian Florescu (Solista B)

Liviu Scripcaru

Diana Tzonkova

Carlos Damas

Cindy Gonçalves [convidada]

Juan Maggioranni (convidado)

Inês Saraiva (convidada)

2.ºs Violinos

Agnes Flanagan (Chefe de Naípe / Solista A)

José Teixeira

Elena Dimitrieva

Daniela Radu

Angela Neressova*

Pablo de la Carrera*

Ana Filipa Serrão (convidada)

Helena Pereira (convidada)

Miguel Gomes (convidado)

Natacha Guimarães (convidada)

Violas

Valentin Petrov (Chefe de Naípe / Solista A)

Irma Skenderi (Solista B)*

Gerardo Gramajo

Andrei Ratnikov

Sandra Martins (convidada)

Teresa Fernandes (convidada)

Sandra Raposo (convidada)

Violoncelos

Franz Ortner (Chefe de Naípe / Solista A)*

Nuno Abreu (convidado)

Peter Flanagan (Solista B)

Ana Cláudia Serrão

Jian Hong

Contrabaixos

Vladimir Kouznetsov (Chefe de Naípe / Solista A)*

Ercole de Conca (Solista B)

Adriano Aguiar (convidado)

Flautas

Nuno Inácio (Solista A)

Janete Santos (Solista B)

Oboés

Sally Dean (Chefe de Naípe / Solista A)

Bryony Middleton (Solista B)

Clarinetes

Nuno Silva (Solista A)

Jorge Camacho (Solista B)

Pedro Parreira (convidado ANSO)

Fagotes

Franz Dörsam (Solista A)

Bertrand Raoulx (Solista B)

Elio Araujo (convidado ANSO)

Saxofone

José Massarrão

Trompas

Nuno Vaz (convidado ANSO)

Jerôme Arnouf (Solista B)

Ana Abrantes (convidada ANSO)

Thomas Gomes (convidado ANSO)

Trompetes

Sérgio Charrinho (Solista A)

Rui Mirra (Solista B)

Trombones

Reinaldo Guerreiro (convidado)

André Conde (convidado ANSO)

Tiago Noites (convidado ANSO)

Tímpanos

Cristiano Silva (convidado)

Percussão

Aldovino Mumguambe (convidado)

José Vitorino (convidado)

Miguel Herrera (convidado ANSO)

Harpa

Stéphanie Manzo (Solista A)

Cravo

Marcos Magalhães (Músico Associado)*

Produção OML

João Pires (Coordenador de Produção)

João Barradas (Secretário de Orquestra)

Artur Raimundo (Chefe de Palco)

Alberto Correia (Técnico de Palco)

Amadeu Mineiro (Técnico de Palco)

Mário Sousa (Técnico de Palco)

* Não participa neste programa

CCB - CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: António Mega Ferreira, (PRESIDENTE) Ana Isabel Trigo Morais [VOGAL] Margarida Velas [VOGAL]

CENTRO DE ESPETÁCULOS: DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPETÁCULOS Miguel Leal Coelho ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO Luísa Taveira SECRETARIADO DE DIRECÇÃO Anabela Borges DIRECÇÃO Carla Ruiz PRODUÇÃO Paulo Barbosa, João Oliveira, Inês Correia, Patrícia Silva SECRETARIADO DE PRODUÇÃO Maria Rodrigues DIRECTOR DE CENA Rosário Vale DIRECTOR DE CENA, Jonas Omberg, José Valério, Pedro Rodrigues e Patrícia Cosia SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA Luísa Inês Fernandes DIRECTOR TÉCNICO Paulo Graça DIRECTOR TÉCNICO-ADJUNTO João Garrido ASSISTENTE DE DIRECÇÃO TÉCNICA Rui Marcelino SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA Sofia Malos CHEFE DE EQUIPA Miquel Abello, Pedro Campos PRIMEIRO TÉCNICO DE PALCO Luis O. Santos, Raül Seguro SEGUNDO TÉCNICO DE PALCO Antur Brandão, F. Cândido Santos, José Carlos Alves, José Carlos Martins, Mário Silva, Rui Croca, Vítor Pinto, César Nunes, Higo Campos, Ricardo Melo, Rodrigo Oliveira PRIMEIRO TÉCNICO DE OFICINA DE MANUTENÇÃO J. Paulo Santana SEGUNDO TÉCNICO DE OFICINA E MANUTENÇÃO Luis Teixeira, Victor Horta CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS Nuno Garcia SANTOS, Luis Garcia Santos, Paulo Cachero, Nuno Bizarro, Eduardo Nascimento ESTAGIÁRIO Nuno Ramos.



4 DE DEZEMBRO 2007
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

11:00 H

O JAZZ TROCADO
POR MIÚDOS

21:00 H

QUARTETOS

ESCOLA DE JAZZ DO BARREIRO
HOT CLUBE
ESMAE

ORQUESTRA DE JAZZ
DE MATOSINHOS

DIRECÇÃO CARLOS AZEVEDO E PEDRO GUEDES